

angolense

www.jornalangolense.com Director: Américo Gonçalves, Editora-Chefe: Suzana Mendes

1977-1980

Mais um livro sobre as trevas angolanas

Escrito pelo engenheiro português Américo Cardoso Botelho que foi "hospede" dos calabouços da DISA entre Fevereiro de 77 e Agosto de 1980, o "Holocausto em Angola" é sobretudo um livro de memórias desses tempos difíceis, que o autor soube conservar nos apontamentos que foi escrevendo ao longo dos três anos em tudo quanto era papel que teve ao seu alcance.

O problema foi passar estes apontamentos para fora do presídio, uma vez que a policia política não permitia uma tal evasão.

Pelos vistos a DISA tinha toda a razão, só que Cardoso Botelho foi mais esperto e conseguiu gradualmente enviar para fora os milhares de apontamentos sobretudo em papéis de prata dos maços de cigarros, que lhe permitiram, muitos anos depois e já em Portugal, escrever este monumental "Holocausto" com mais de 600 páginas.

Simão Cacete que foi companheiro do autor na prisão de São Paulo escreveu o seguinte no prefácio da obra: "Ora é para este período que a obra nos remete. Um período sobre o qual se ergueu um autêntico muro de silêncio. Silêncio esse que nega respostas às perguntas dos familiares dos muitos desaparecidos, que procuram um local onde honrar a memória dos seus maridos ou esposas, pais ou filhos.

Para alguns esta obra trará o confronto com a descrição dos últimos momentos dos seus entes queridos. Será certamente um encontro doloroso, a derradeira notícia. O luto!

Sobre os primeiros anos da independência pouco ou nada foi publicado, especialmente no que aos campos prisionais diz respeito, além de algumas denúncias de organizações como a Amnistia Internacional, que aliás mantém aberto o dossier dos desaparecidos do 27 de Maio 1977.

Estas memórias, que em boa hora o autor decidiu trazer a público, confrontam-nos com factos por si testemunhados e outros repetidamente narrados por companheiros de infortúnio. Obviamente que perante tantos casos registados não terá sido fácil ao autor seleccionar, de entre eles, os casos apresentados.

Aos milhares de angolanos que sobreviveram à experiência das detenções, resta o desafio de trazerem a público as suas memórias, não tanto para ajustes de contas, mas a exemplo de experiências como a da Comissão da Verdade, instituída no fim do regime do apartheid, para estabelecerem as bases de uma verdadeira reconciliação".